

SISTEMA DE ESPAÇOS LIVRES E FORMA URBANA NA ILHA DE VITÓRIA, ESPÍRITO SANTO, BRASIL

Eneida Maria Souza Mendonça

Arquiteta, Doutora em Arquitetura e Urbanismo, Professora do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade

Federal do Espírito Santo

eneidamendonca@gmail.com

Palavras-chave: espaços livres, forma urbana, paisagem, tipologia arquitetônica e evolução urbana.

RESUMO

O debate apresentado neste artigo trata das relações entre o sistema de espaços livres e a forma urbana de Vitória, capital do Estado do Espírito Santo, no sudeste brasileiro, no território específico referente à ilha. A decisão quanto à área de estudo tem como fator fundamental o fato desta ter abrigado a origem da ocupação do lugar, em meados do século XVI, por colonizadores portugueses e portanto, conter desde então sucessivas e diversificadas formas de ocupação. A metodologia adotada compreende, principalmente, o levantamento dos espaços livres públicos e privados por imagens de satélite, e quando necessário, visitas de campo, e o estudo relacionado à evolução urbana. A pesquisa possibilitou a identificação de morfologias distintas, caracterizadas em função do processo histórico de ocupação urbana da área e sua relação com o sítio físico. Cabe ainda observar que o território insular, constituído originalmente por morros e estreita faixa de terra entre estes e o mar, identificado como porto seguro pelos colonizadores portugueses, só evoluiu para o atual centro metropolitano, em função dos sucessivos aterros realizados ao longo do tempo.

Keywords: open spaces, urban form, landscape, architectural typology and urban evolution.

ABSTRACT

The argument presented in this article deals with the relationship between the open spaces system and the urban form of Vitoria, capital of Espírito Santo, in the southeast of Brazil, specifically the island's territory. The decision about the area of study has as its main feature the fact that the island has harbored the beginning, of the site occupation in the early XVI century by Portuguese settlers and since then has held successive and diversified forms of occupations. The methodology consists mainly of a survey of public and private open spaces through satellite images, and whenever necessary field trips, and also a study about urban evolution. The research allowed the identification of distinct morphologies, characterized in terms of the historical process of urban occupation of the area and its relation to the physical site. It should also be noted that the island territory, originally formed by hills and a narrow strip of land between these hills and the sea, identified as a safe haven by the Portuguese, only evolved into the current metropolitan center due to successive landfills done throughout time.

INTRODUÇÃO

Os estudos acerca do sistema de espaços livres relacionados à forma urbana da cidade de Vitória, capital do Estado do Espírito Santo, no sudeste brasileiro, fazem parte de ampla rede de pesquisa, que reúne professores e pesquisadores de diversas instituições brasileiras. A rede conta com a coordenação geral do Laboratório QUAPÁ, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, realizando suas atividades específicas por meio de núcleos regionais. O desafio do Núcleo Vitória, exercido pelo Núcleo de Estudos de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Espírito Santo, tem sido, levantar, classificar e analisar os espaços livres da região de Vitória. Esta região, abrange, além da capital, a conurbação urbana entre esta e os municípios imediatamente vizinhos – Serra, Cariacica e Vila Velha –, de modo a permitir a caracterização dos espaços livres a partir de ramais de integração e a percepção da condição sistêmica dos mesmos, independente dos limites administrativos (Mendonça et al, 2012).

O debate apresentado neste artigo avança nos estudos das relações entre o sistema de espaços livres e a forma urbana no território específico do município de Vitória referente à ilha, excluindo-se portanto, sua porção continental, a nordeste (Figura 1). Este recorte territorial e analítico tornou-se importante tendo em vista a diversidade tipológica de espaços livres e de formas urbanas encontradas na classificação realizada na ilha de Vitória em

comparação à porção continental do município. É também fator fundamental para alimentar o interesse específico pelo estudo da parte insular da capital, o fato desta ter abrigado a origem da ocupação do lugar, em meados do século XVI, por colonizadores portugueses e portanto, conter desde então, sucessivas e diversificadas formas de ocupação.

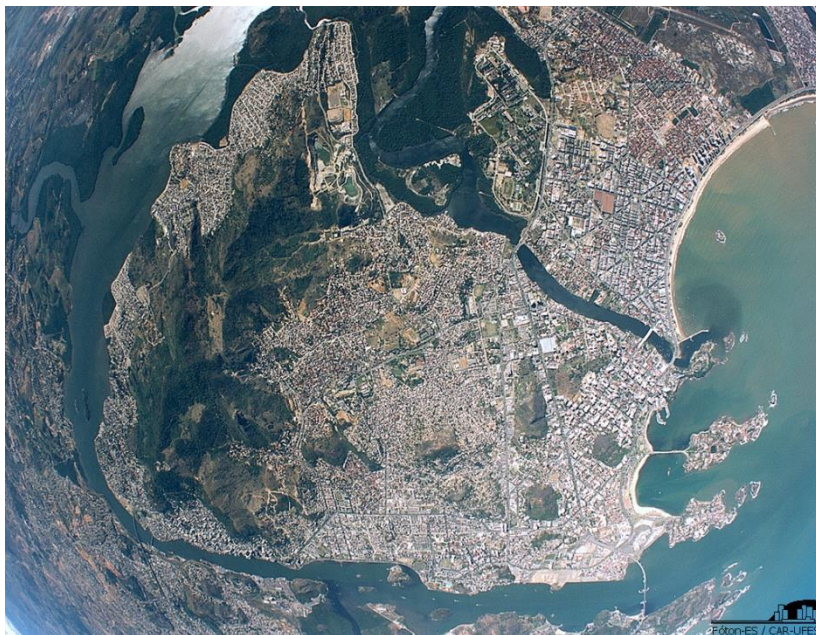


Figura 1: Imagem aérea de Vitória, Espírito Santo, Brasil, com destaque para a ilha.
Fonte: Foton-ES/CAR-UFES, 2000.

Deste modo, busca-se, por fim, no estudo sobre a forma urbana relacionada aos espaços livres da ilha de Vitória, chamar a atenção para o papel exercido pelo sítio físico da área analisada. Para tanto, considera-se relevante expor os procedimentos metodológicos desenvolvidos ao longo da pesquisa.

ASPECTOS METODOLÓGICOS

A metodologia utilizada neste estudo correspondeu, inicialmente, ao levantamento dos espaços livres por meio de imagem de satélite, seguido de classificação segundo tipologia e função. O conceito de espaço livre é orientado pela definição construída por Magnolli (1982) que abrange todo o

espaço sem construção, o que inclui, além de praças, parques e áreas de preservação ambiental, também, ruas e áreas remanescentes da ocupação do lote.

A classificação elaborada seguiu conceitos apresentados por Carneiro e Mesquita (2000) e Macedo et al (2006). O levantamento dos espaços livres e a classificação mencionada foram realizados para o município de Vitória e a área conurbada ao seu redor, abrangendo parte dos municípios imediatamente vizinhos.

Em seguida, foram realizados estudos relacionados ao levantamento e classificação dos espaços livres privados. Este levantamento teve como base principal, imagens de fotografias a partir de sobrevoo da área. A classificação correspondeu ao percentual de área livre nos lotes, percebidas a partir do exame das imagens mencionadas. Visitas de campo permitiram relacionar o levantamento sobre os espaços livres privados e tipologias arquitetônicas, incluindo características sobre a volumetria e a forma de implantação no lote. Auxiliaram também, metodologicamente, este estudo, o mapeamento do uso do solo e o mapeamento de cheios e vazios, conhecido por figura-fundo, em que o destaque é dado aos espaços construídos (Mapa 1). Considerações acerca dos espaços livres privados e a morfologia urbana da região de Vitória foram tratadas em Mendonça (2012) não sendo portanto, necessário aqui, retomar detalhadamente a questão.

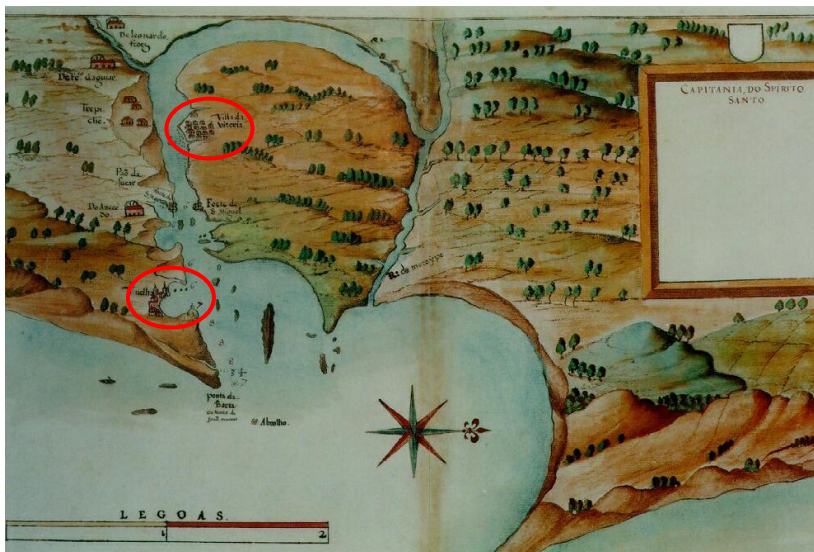


Mapa1: Mapa de Cheios e vazios da ilha de Vitória. Fonte: COELHO, 2009.

Considerando o importante papel do tempo na diferenciação dos processos de ocupação urbana, tendo em vista tratar-se de cidade com mais de quatro séculos de existência, a interpretação e a análise dos dados encontrados tiveram o apoio do conhecimento acerca da história e evolução urbana da região.

EVOLUÇÃO URBANA DE VITÓRIA, ESPÍRITO SANTO, BRASIL

Em brevíssimo panorama da história de ocupação de Vitória pode-se destacar que sua ocupação inicial, em meados do século XVI por colonizadores portugueses, correspondeu à decisão de proteger de ataques estrangeiros e de indígenas, a sede da capitania do Espírito Santo, desde 1535 fixada em terras vizinhas. A localização desta nova sede, ao sul de ilha encravada em uma baía, constituía-se, na ocasião, em fundamental proteção, visto que para ser atingida, seria necessário que os invasores navegassem por estreito circuito marítimo ladeado de fortes. No Mapa 2 encontram-se demarcadas as duas sedes da capitania do Espírito Santo: a mais antiga na entrada da baía e a protegida, ao sul da ilha.



Mapa 2: Detalhe da Capitania do Espírito Santo. 1631.

Fonte: Biblioteca Itamaraty, Rio de Janeiro. Autor: João Teixeira Albernaz I

Até meados do século XVIII a economia do lugar era relativamente promissora, estagnando-se a partir da saída dos jesuítas do Brasil (NOVAES, s/d e OLIVEIRA, 1975).

O desenvolvimento econômico só foi retomado no Espírito Santo, com a cultura cafeeira implantada por colonizadores, em sua maioria italianos e alemães, a partir de metade do século XIX (CAMPOS JÚNIOR, 1996).

A capital do estado, Vitória, teve então seu desenvolvimento urbano bastante limitado desde o início de sua ocupação até o final do século XIX.

A partir de então, Vitória, já inserida no contexto republicano, iniciou a ocupação da área sudoeste e leste da ilha, recebendo neste último sentido, projeto de enfoque higienista (Mapa 3).



Mapa 3: Esboço da planta da ilha de Vitória. 1896.

Fonte: Brito, Obras Completas, 1943.

A consolidação da área sudoeste ocorreu na primeira metade do século XX e da área leste realizou-se somente em meados do século XX (Mendonça et al. 2009).

A ocupação da área continental, a nordeste da ilha só se realizou na segunda metade do século XX, do mesmo modo que a ocupação oeste, noroeste, norte e nordeste da ilha.

A figura 2, ao apresentar uma foto aérea do município, datada de 1970, demonstra a incipiência da ocupação destas áreas nesta ocasião.

A figura 3, indica que, oito anos depois, estas mesmas áreas encontravam-se mais densamente ocupadas, bem como a área central da ilha. Nota-se ainda, a articulação à ilha de Vitória, das ilhas ao leste, e o início do processo de ocupação das mesmas.

Do processo de ocupação apresentado nota-se, em síntese, que o centro histórico situado ao sul da ilha de Vitória teve sua ocupação inicial e traçado urbano moldados ao relevo. A região leste, por sua vez, recebeu projeto sanitaria, com vias retas e largas. A região de manguezal a oeste, noroeste, norte e nordeste, bem como diversas áreas de morro na região central da ilha receberam ocupação por invasão, resultando em bairros com ruas estreitas e articulação insatisfatória com bairros vizinhos e também, com a própria estrutura urbana da cidade.

Cabe ainda dar destaque ao papel do sítio físico no processo e na forma de ocupação. Tratava-se da maior ilha de um arquipélago com dezenas de ilhas, medindo cerca de 80 hectares, e encravada em uma baía. Seu relevo recebe o destaque de um maciço rochoso de aproximadamente 300 metros de altura, situado entre o centro e a borda oeste da ilha, acompanhando praticamente toda a sua extensão norte sul e dividindo a estreita borda oeste da área mais ampla ao centro e leste da ilha, que conta com diversos morros de altura e dimensões menores. Na falésia ao sul, foi instalada originalmente a vila. Esta ilha, cercada de manguezais e áreas alagadiças, contava com uma planície seca, arenosa a leste. A urbanização deste território que atualmente ultrapassa os 90 hectares viabilizou-se por meio de aterros e pela construção de pontes favorecendo a relação metropolitana.

A estrutura do sítio físico da ilha de Vitória, a definição do traçado urbano em tempos distintos e conseqüentemente a diferença quanto à longevidade do processo de ocupação contribuíram para a conformação de morfologias urbanas também diferenciadas.



Figura 2: Imagem aérea de Vitória com destaque para a ilha de Vitória, em 1970. Disponível em www.veracidade.com.br. Acessado em 28/05/2013.



Figura 3: Imagem aérea de Vitória com destaque para a ilha de Vitória, em 1978. Disponível em www.veracidade.com.br. Acessado em 29/05/2013.

FORMAS URBANAS NA ILHA DE VITÓRIA

A compreensão sobre a motivação destes diversos períodos de ocupação e de expansão urbana auxilia o entendimento da forma urbana constituída, permitindo distinguir quatro situações que podem ser identificadas como as mais características da ilha de Vitória (Figura 4).

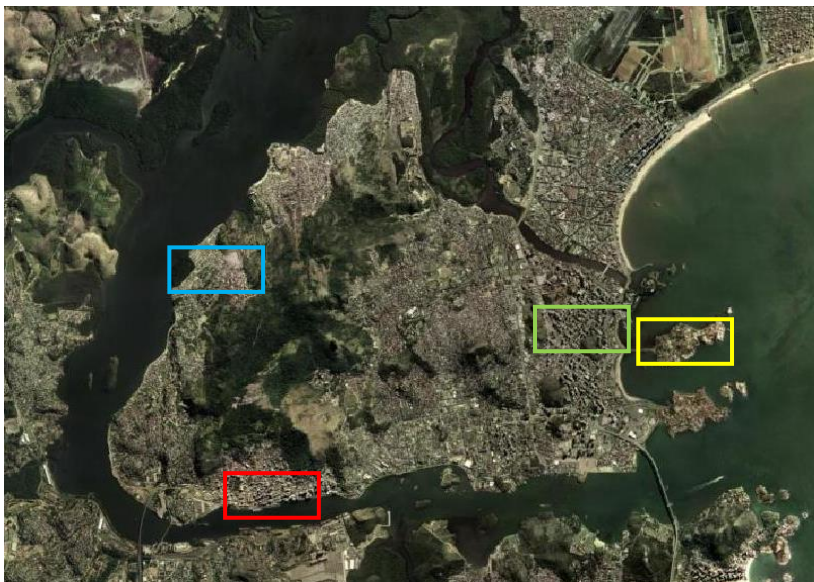


Figura 4: Imagem aérea de Vitória. Destaque para a ilha de Vitória, 2007.
Disponível em www.veracidade.com.br. Acessado em 28/05/2013.

Assim, constatou-se que a **região ao sul da ilha** (Figuras 4, 5 e 6), apresenta-se densamente ocupada contando com edifícios comerciais, institucionais e residenciais de muitos pavimentos e abrangendo praticamente 100% da área do lote. Tem destaque também nesta região a concentração de edificações institucionais que remetem ao período de colonização portuguesa, como igrejas e palácio do governo e ao período inicial da república, nos primeiros anos do século XX, como a catedral, mercado e escolas. Esta situação mista em termos de forma de ocupação foi possibilitada pela articulação do traçado sinuoso na cidade alta a partir da colonização portuguesa, com traçados retificadores, seja para novas áreas ganhas a partir de aterro, seja para reestruturar parte das vias existentes.



Figura 5: Imagem aérea do sul da ilha de Vitória. Bairro: Centro.

Fonte: <https://maps.google.com.br/> Acessado em 28/05/2013.



Figura 6: Imagem aérea de detalhe do sul da ilha de Vitória. Bairro: Centro.

Fonte: <https://maps.google.com.br/> Acessado em 28/05/2013.

O estudo, permite reconhecer ampla divergência entre a forma urbana resultante desta região ao sul da ilha de Vitória, atualmente reconhecida como o centro histórico da cidade, e sua **região leste** (Figuras 5, 7 e 8) planejada ao fim do século XIX como um subúrbio jardim (Andrade, 1992) e atualmente abrigando população de alta renda. Esta região, com vias retas e largas, também conta com edifícios comerciais, institucionais e residenciais de muitos pavimentos, porém com forma de implantação no lote menos intensa do que no Centro, resultando em forma urbana distinta daquela região por conformar-se menos densa.



Figura 7: Imagem aérea do leste da ilha de Vitória. Bairro: Praia do Canto. Fonte: <https://maps.google.com.br/> Acessado em 28/05/2013.

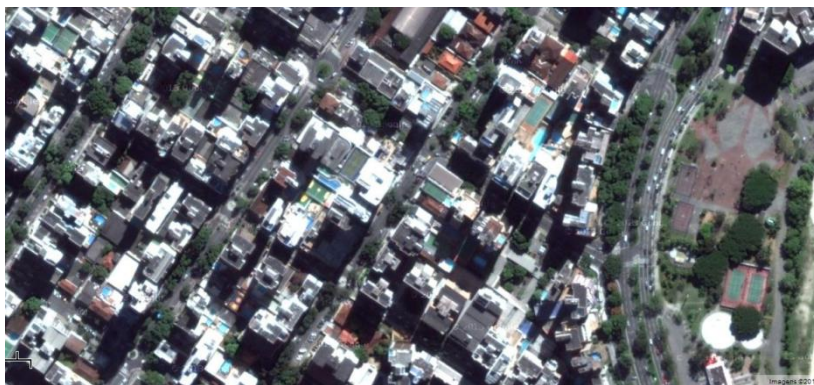


Figura 8: Imagem aérea de detalhe do leste da ilha de Vitória. Bairro: Praia do Canto. Fonte: <https://maps.google.com.br/> Acessado em 28/05/2013.

A ocupação a oeste, noroeste, norte e nordeste da ilha (Figuras 4, 9 e 10), do mesmo modo que a existente nos **morros localizados em praticamente toda a cidade**, diferencia-se das formas de ocupação do sul e do leste, já descritas.



Figura 9: Imagem aérea do noroeste da ilha de Vitória. Bairro Grande Vitória. Fonte: <https://maps.google.com.br/> Acessado em 28/05/2013.



Figura 10: Imagem aérea de detalhe do noroeste da ilha de Vitória. Bairro Grande Vitória. Fonte: <https://maps.google.com.br/> Acessado em 28/05/2013.

A oeste, noroeste, norte e nordeste, as ruas são mais estreitas; a ocupação apresenta-se intensamente adensada, porém com edificações e lotes de pequeno porte. Trata-se de autoconstrução, em geral realizada a partir de ocupação por invasão, abrigoando população de baixa renda.

Concluindo a caracterização das principais formas de ocupação urbana encontradas na ilha de Vitória, cabe mencionar a existência de edificações residenciais unifamiliares amplas, do mesmo modo que os lotes, porém, mantendo também, amplas áreas livres. Com traçado planejado, esta situação ocorre em morros e **ilhas articuladas à ilha de Vitória** (Figuras 7, 11 e 12) e abriga população de renda elevada.



Figura 11: Imagem aérea de ilha articulada à ilha de Vitória. Bairro Ilha do Frade.

Fonte: <https://maps.google.com.br/> Acessado em 28/05/2013.

Diante do exposto, cabe ainda destacar que além da característica do modelo construtivo associado ao processo de ocupação, contribuem ainda, para diferenciar a forma urbana em cada parte da ilha de Vitória, as características e articulações entre o espaço construído, os espaços livres públicos e privados.

Neste contexto observa-se que as áreas sul e leste da ilha, além de terem sido concebidos com a previsão de espaços livres públicos, receberam novos espaços desta natureza a partir de acréscimo de áreas por aterros.



Figura 12: Imagem aérea de detalhe de ilha articulada à ilha de Vitória. Bairro Ilha do Frade. Fonte: <https://maps.google.com.br/> Acessado em 28/05/2013.

As áreas oeste, noroeste, norte e nordeste da ilha e o morros localizados praticamente por toda a cidade, não tiveram a previsão de espaços livres públicos pelo modo de ocupação predominante, invasão, enquanto as ilhas articuladas à ilha de Vitória a leste, receberam no projeto, a previsão de espaços públicos, como praça ou alameda.

Por fim, cabe indicar que a caracterização aqui apresentada sobre a forma urbana em Vitória, além de encontrar respaldo no transcorrer histórico de sua ocupação, encontra também referência no sítio físico de seu território insular, constituído originalmente por morros e estreita faixa de terra e manguezal entre estes e o mar.

Neste sentido, observa-se que o porto seguro identificado em meados do século XVI, só evoluiu para o atual centro metropolitano, em função dos sucessivos aterros realizados ao longo do tempo.

AGRADECIMENTOS

Cabe agradecer ao Fundo de Apóio à Cientica e Tecnologia – FACITEC – da Prefeitura Municipal de Vitória pelo apoio financeiro concedido à realização da pesquisa cujos resultados foram apresentados neste artigo.

REFERÊNCIAS

- [1] Mendonça, E. M. Souza, Silva, B. Gomes Paulo da, Figueiredo, M. Câmara Bandeira de, Bettcher, R. Casteglione (2012), Os ramais

- de integração do sistema de espaços livres de Vitória-ES nos municípios vizinhos. In: Campos, A. C. Arruda et al. (org) Quadro dos Sistema de Espaços Livres nas cidades brasileiras. São Paulo: FAU/Universidade de São Paulo.
- [2] Magnolli, M. M. (1982), Espaços livres e urbanização: uma introdução a aspectos da paisagem metropolitana. Tese (Livredocência) – FAU/Universidade de São Paulo, São Paulo.
 - [3] Carneiro, A. R. Sá e Mesquita, L. de Barros (2000), Espaços livres do Recife: Prefeitura da cidade do Recife/ Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
 - [4] Macedo, S. Soares, Queiroga, e. Fernandes e Robba, F. (2006), Espaços livres e espacialidades da esfera de vida pública: uma proposição conceitual para o estudo de sistemas de espaços livres urbanos. Universidade de São Paulo, VIII ENEPEA, São Paulo.
 - [5] Mendonça, E. (2012), Morfologia urbana a partir de estudo sobre os espaços livres privados da região de Vitória, Espírito Santo, Brasil. In Actas da Conferência Internacional PNUM 2012. Lisboa: ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa, pp. 762-776.
 - [6] Coelho, M. Brioschi (2009), Espaços livres privados no município de Vitória – levantamento geral e classificação. Relatório final. Plano Institucional de Bolsas de Iniciação Científica. Núcleo de Estudos de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.
 - [7] Novaes, M. S. de. (s/d.), História do Espírito Santo. Fundo Editorial do Espírito Santo, Vitória.
 - [8] Oliveira, J. Teixeira de (1975), História do Estado do Espírito Santo. 2ª ed. Vitória.
 - [9] Campos Júnior, C. Teixeira (1996), O Novo Arrabalde. PMV, Secretaria Municipal de Cultura e Turismo, Vitória.
 - [10] Brito, F. Saturnino de. (1943), Projetos e Relatórios – saneamento de Vitória, Campinas, Petrópolis, Itaocara, Paraíba (João Pessoa), Paraíba do Sul e Juiz de Fora, Obras Completas, v. 5, Rio de Janeiro, Min. Educação e Saúde, Imprensa Nacional.
 - [11] Mendonça, E. M. Souza, Freitas, J. F. Bernardino; Campos, M. Machado; Prado, M. Monteiro e Almeida, R. Hermann de (2009), Cidade Prospectiva: o projeto de Saturnino de Brito para Vitória. EDUFES e Annablume, Vitória e São Paulo.
 - [12] Andrade, C. R. Monteiro de (1992), A peste e o plano. O urbanismo sanitário do Engenheiro Saturnino de Brito. Dissertação (mestrado), FAU/Universidade de São Paulo, São Paulo